

Comissão Portuguesa de História Militar

# BOLETIM

Nº 2 - 2016



TÍTULO

Boletim da Comissão Portuguesa de História Militar  
Nº2/2016

Director: José António M. de Ataíde Banazol

EDIÇÃO: Comissão Portuguesa de História Militar

CAPA: Jorge Silva Rocha (CPHM)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Rainho & Neves – Artes Gráficas

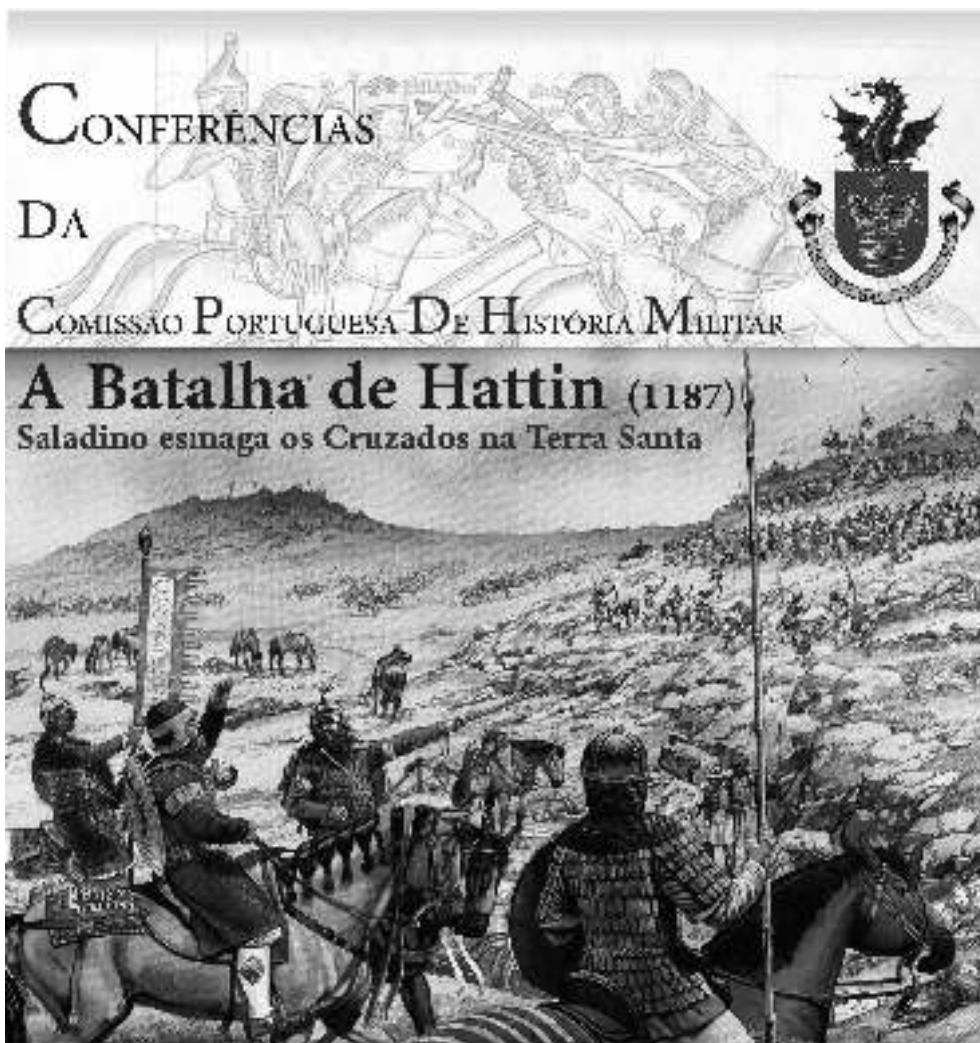
Novembro de 2016

TIRAGEM: 200 Exemplares

Depósito legal: 405823/16

ISBN: 978-989-8593-11-5

Todos os direitos reservados



Professor Doutor  
**João Gouveia Monteiro**

**Dia 30 de Janeiro - 17.00 horas**

Palácio da Independência - Largo de S. Domingos, 11 | Lisboa

Comissão Portuguesa de História Militar  
Tel. n.º 964779799 | [www.cphm.pt](http://www.cphm.pt) | Email: [cphistoriamilitar@defesa.pt](mailto:cphistoriamilitar@defesa.pt)

## A BATALHA DE HATTIN (1187): O TRIUNFO MAIOR DE SALADINO<sup>1</sup>

Prof. Doutor JOÃO GOUVEIA MONTEIRO<sup>2</sup>

### I. O contexto político-militar

Em 1144, a conquista de Edessa por Imad al-Din Zengi, o *atabegue* (isto é: “príncipe pai”) de Mosul e de Alepo, gerou grande consternação no Ocidente europeu. Afinal, tratava-se do primeiro dos Estados Latinos da Terra Santa formados na sequência da Primeira Cruzada (1096-1099) a soçobrar. Por isso, o papa cisterciense Eugénio III lançou a ideia de uma nova expedição, que Bernardo de Claraval tratou de pregar com entusiasmo por terras da Gália, em especial na basílica de Vézelay. Dois exércitos, comandados pelo rei Luís VII de França e pelo imperador romano-germânico Conrado III, partiram então para a Síria-Palestina, mas a operação não correu nada bem, em parte devido às desinteligências entre os Cruzados (e entre estes e os “Francos” que residiam já na Terra Santa), em parte por causa do divórcio crescente entre as cristandades grega e romana, circunstância que levou ao abandono das forças ocidentais pelos seus guias bizantinos. Com exceção da conquista de Lisboa, no verão de 1147, a Segunda Cruzada saldou-se por um enorme fracasso, e nem o assassinato de Zengi, em 1146, teve o condão de a favorecer. Com Nur al-Din (filho de Zengi) à cabeça, os muçulmanos mostraram-se à altura do novo desafio e suscitaram no Ocidente as primeiras grandes interrogações sobre a viabilidade e sobre a própria bondade da ideia de Cruzada.

De momento, porém, a presença latina numa extensa faixa costeira do Mediterrâneo oriental não fora posta em causa, e os restantes Estados constituídos em finais do século XI e inícios do século XII (o principado de Antioquia, o condado de Tripoli e, sobretudo, o reino de Jerusalém) equiparam-se o melhor

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no dia 30 de Janeiro de 2015 no âmbito do ciclo “Conferencias da CPHM”, no Palácio da Independência em Lisboa.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de História da Sociedade e da Cultura. Uma versão ampliada deste texto será publicada em João Gouveia Monteiro, Miguel Gomes Martins e Paulo Jorge Agostinho, *A Europa em Armas. Das Cruzadas à Guerra dos Cem Anos*, Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo).

que puderam para enfrentar um novo ciclo da sua existência, em que teriam de contar cada vez mais com os seus próprios recursos: com os seus castelos, com os seus barões feudais e, claro está, com os contingentes das Ordens Militares do Templo e do Hospital, o verdadeiro braço armado da presença cristã na Terra Santa.



Fig. 1 - “Os Estados Latinos do Oriente (1140)”,  
in AAVV, *As Cruzadas (1096-1270)*, trad. port., Ed. Pergaminho, 2001 (p. 93).

Em 1163, ocorreu a morte do rei Balduíno III de Jerusalém, a quem sucedeu um seu irmão, o angevino Amalrico I (1163-1174). Amalrico mostrou-se um monarca decidido e empreendedor, mas teve o azar de ser justamente durante o seu governo que se deu a ascensão de um dos maiores heróis da história do Islão medieval: Yusuf ibn Ayyub, que ficou para a história como Salah al-Din. Nascido em Tikrit, em 1138, Saladino fazia por essa altura no Egito, em companhia do tio Shirkuh (que representava os interesses de Nur al-Din), o seu tirocínio militar. Em 1167, na batalha de Al Babayn (no delta do Nilo), Shirkuh e o seu sobrinho derrotaram um exército coligado de Cruzados e Fatimitas (o califado xiita que governava o Egito); na sequência deste sucesso, Saladino defendeu Alexandria das investidas dos Cruzados, até à assinatura de um acordo entre as partes beligerantes. Dois anos mais tarde (em 1169), Shirkuh faleceu e Saladino (que contava então 31 anos de idade) tornou-se o novo vizir do Egito fatimita,

beneficiando também da fraqueza política e até física do último califa fatimita, o jovem Al Adid, que faleceria logo em 1171.

Saladino depressa mostrou que não pretendia ser uma simples correia de transmissão dos interesses de Nur al-Din no Egito: aproveitou a sua posição para construir um exército (maioritariamente composto por Turcos e por Curdos) que lhe era muito fiel e ignorou expressamente as ordens do líder zênghuida para encaminhar para a Síria importantes recursos financeiros. A tensão cresceu e só não degenerou em conflito aberto porque Nur al-Din morreu subitamente, em maio de 1174, em Damasco. Dois meses mais tarde, falecia em Jerusalém o rei Amalrico I, que deixava no trono um filho ainda menor (Balduíno IV), pelo que a regência do mais importante Estado latino na Terra Santa foi entregue ao senescal Miles de Plancy. Este, porém, não conseguiu resistir às disputas entre os barões cristãos e foi assassinado em Acre, em dezembro do mesmo ano, passando então a regência de Jerusalém para as mãos do prestigiado conde Raimundo III de Trípoli.

Com tudo isto, a região costeira do Médio Oriente ficou mergulhada num contexto político-militar altamente favorável aos interesses de Saladino. O líder curdo (e sunita) depressa tratou de reclamar a herança dos zênghuidas (isto é, dos descendentes de Zengi e de Nur al-Din) e, tirando partido da máquina militar que tinha construído nos anos anteriores no Norte de África, iniciou uma ofensiva que, em última análise, visava unificar as possessões territoriais muçulmanas no Egito e na Síria. Tratou, primeiro, de proteger os acessos aos lugares santos de Meca e de Medina, controlou a situação na Núbia e no Iémen (onde havia fortes comunidades cristãs ou ismaelitas-xiitas que o poderiam incomodar) e, em outubro de 1174, já conseguia ser reconhecido em Damasco como sultão, beneficiando também de uma diplomacia cautelosa levada a cabo junto do califado abássida sunita de Bagdade. Este foi um tempo absolutamente precioso para a afirmação do poder de Saladino, que desde cedo se afirmou como cabeça de uma *Jihad* contra os invasores cruzados, desse modo conseguindo ultrapassar os violentos anticorpos que a consolidação do seu poder suscitara em muitas comunidades muçulmanas da Síria, em especial junto dos descendentes e antigos apoiantes do seu antigo líder, Nur al-Din.

Do lado cristão, em 1176, Balduíno IV atingiu a maioridade e assumiu o trono de Jerusalém, mas, como cedo notou o seu grande educador e chanceler, Guilherme de Tiro, o seu governo prometia ser um verdadeiro contrarrelógio contra a morte: o rei era leproso, e não houve físicos cristãos nem muçulmanos que o conseguissem curar... Mesmo assim, Balduíno IV fez um reinado de quase uma dezena de anos, e extremamente corajoso. Em 25 de novembro de 1177, em Monte Gisard (perto de Ramla), conseguiu mesmo derrotar Saladino, na sequência de uma perseguição em que contou com a preciosa colaboração dos Templários e de Reynaldo de Châtillon, o mais feroz inimigo dos muçulmanos e um barão que tinha sido retirado das masmorras de Alepo no ano anterior, após um duro cativo de cerca de quinze anos. Saladino experimentou aqui o fel

da derrota, mas vingar-se-ia com estrondo em 1179, em Marj Ayûn (perto do rio Litani, que desagua a norte de Tiro), aproveitando o sucesso para destruir o importante (e ainda incompleto) castelo de Chastelet/Vau Jacob, a nordeste da importante praça de São João de Acre.

No ano seguinte (1180) foi assinada uma trégua por dois anos entre Balduíno IV e Saladino, e foi durante este período que se deu alguma arrumação de forças do lado dos cristãos, com destaque para o casamento de Sibila (filha de Amalrico I e, portanto, irmã de Balduíno IV) com Guido de Lusignan, o jovem irmão do condestável do reino de Jerusalém. Claro que, tendo em conta a condição física do monarca, este matrimónio assumia uma importância especial, como que sinalizando um próximo render da guarda no comando do mais importante Estado latino na Terra Santa.

As tréguas não chegaram ao fim porque, no inverno de 1181-82, o truculento e muito empreendedor Reinaldo de Châtillon, cujos bens se localizavam na região da Transjordânia (com destaque para os castelos de Kerak e Montreal), decidiu atacar uma caravana muçulmana no oásis de Tayma (uns 400 km a sul de Kerak). Saladino acusou o toque e jurou vingar-se do atrevimento e da impiedade do mais detestado dos barões cristãos. Em julho de 1182, com uma grande hoste, organizou uma campanha na Galileia, mas a defesa rápida e inteligente dos cristãos (que alertaram os seus castelos de Safed e de Belvoir e avançaram rapidamente de Saforie para leste, controlando toda a cordilheira que conduz a Tiberíades) impediu que a manobra fosse bem-sucedida, forçando o sultão a retirar e a adiar a desforra.

Nesse mesmo ano, já muito doente (com grandes dificuldades de visão e de mobilidade), Balduíno IV nomeou o seu cunhado, Guido de Lusignan, como regente de Jerusalém. Este facto parecia recomendar alguma contenção, mas Reinaldo de Châtillon, com o objetivo talvez de fraturar o mundo muçulmano e de contrariar desse modo a estratégia de fundo de Saladino, optou por lançar, no inverno de 1182-83, um ambicioso raide militar no Mar Vermelho, que contudo não trouxe resultados positivos para os cristãos.

Assim, em finais de setembro de 1183, o sultão aiúbida, talvez com o objetivo de testar o comportamento de Guido de Lusignan (que se anunciava ser, a curto prazo, o seu principal opositor) lançou uma nova campanha na Galileia, na região do Monte Tabor e de Nazaré. Desta feita, as coisas correram bem melhor aos muçulmanos, que beneficiaram da reação timorata, hesitante e tardia do regente Guido, que demorou muito tempo a sair do quartel-general cristão de Saforie e permitiu a Saladino (que dessa feita não devia ter a intenção de travar um combate em campo aberto) uma devastação inesperada e sensacional da região. Na ressaca deste revés, Balduíno IV demitiu mesmo Guido de Lusignan e entregou de novo a regência de Jerusalém a Raimundo III de Trípoli, talvez o mais competente dos líderes militares cristãos da Terra Santa.

Dois anos mais tarde, em 1185, faleceu finalmente o “rei leproso”; contava apenas 24 anos de idade e o trono passou formalmente para as mãos do seu

sobrinho Balduíno V (filho de Sibila e do seu primeiro marido, o malogrado cavaleiro Guilherme de Montferrat). O menino tinha, porém, apenas nove anos de idade e, pior do que isso, veio a falecer logo no ano seguinte (1186). Nessa altura, Raimundo III de Trípoli, que conservara a regência face à menoridade do herdeiro, deve ter alimentado esperanças de se tornar rei de Jerusalém, mas a roda da Fortuna e as movimentações dos barões da corte hierosolimitana trocaram-lhe as voltas: Raimundo foi afastado e Guido e Sibila ascenderam ao trono mais desejado dos cristãos da Síria-Palestina. Em, consequência disso, o conde de Trípoli aproximou-se (perigosamente) de Saladino, e grandes cronistas muçulmanos coevos, como Ibn al-Athir, dizem até que o sultão aiúbida lhe prometeu que faria os possíveis por o entronizar como “o único rei de todos os Francos” (Ibn al-Athir, ed. Richards: 316)! Com as coisas neste ponto, Saladino já só precisava de um bom pretexto para desencadear a guerra e para conseguir travar a batalha decisiva por que tanto ansiava, em nome da sua *Jihad*...

## II. A caminho da batalha

O pretexto chegou depressa, no inverno de 1186-87, com um novo ataque de Reinaldo de Châtillon a uma caravana muçulmana que circulava na Transjordânia. Tendo tomado conhecimento disto, a 13 de março de 1187 (ou seja, quase no início da primavera, em se que se inaugurava a ‘estação da guerra’), Saladino avançou de Damasco até à zona rica em água de Ras al-Ayn, de onde enviou cartas a pedir voluntários para a *Jihad*. Na semana seguinte, Al Adil, governador do Egipto em nome do seu irmão Saladino, avançou do Cairo para leste, na direção de Akaba (na Jordânia). Pelo seu lado, no final do mês, Hajib Husam al-Din Lu’lu (um mameluco ou arménio que era um importante funcionário da corte e um notável especialista naval, tendo sido ele quem frustrara os planos de Reinaldo de Châtillon no Mar Vermelho) conduziu 15 galés pelo rio Nilo, até Alexandria, ao mesmo tempo que, a norte, o sobrinho dileto do sultão, Taqi al-Din se aproximava de Alepo, de modo a controlar a fronteira muçulmana com o principado de Antioquia.

Depois, Saladino avançou com a sua guarda pessoal para o sul de Busra, com o objetivo de proteger os peregrinos que regressavam de Meca: corria o mês do Muharram (o primeiro mês do calendário islâmico e um dos mais sagrados, em que se comemora a passagem de Moisés pelo Mar Vermelho) e o sultão receava um novo ataque do senhor da Transjordânia. Enquanto isso, um filho de Saladino, Al Afdal, ficava a comandar as tropas em Ras al-Mai (Nicolle, 1995: 56 e ss.).

A 20 de abril, Taqi al-Din avançou para o forte de Harin (na fronteira de Antioquia), enquanto a guarda de Saladino fazia uma incursão no sul, até à Transjordânia. Uma semana mais tarde, na altura em que Al Adil devia estar a chegar a Akaba, Saladino atacou o castelo de Kerak, pertença de Reinaldo de Châtillon, e devastou a região circundante, sem que o seu maior inimigo se atrevesse a reagir ou fosse sequer socorrido. Como se percebe, o sultão aiúbida e



os seus familiares estavam a manobrar em todas as frentes, visando preparar uma ofensiva fulminante contra o coração do reino de Jerusalém, ao mesmo tempo que, como explica Ibn al-Athir, Saladino “escrevia para Mosul, para as regiões mesopotâmicas, para Irbil e para outras praças no leste e para o Egito e para toda a Síria, apelando a que todos se alistassem na *Jihad* e ordenando-lhes que fizessem todos os preparativos possíveis” (Ibn al-Athir, ed. Richards, p. 318).

O alarme soou no campo cristão e os grandes barões de Jerusalém entenderam que a primeira medida a tomar seria procurar uma reconciliação entre o rei Guido e Raimundo de Trípoli, que se tinha refugiado em Tiberíades, a cidade de sua mulher, a condessa Eschiva. Assim, nos últimos dias de abril, enviaram a Raimundo uma delegação de alto gabarito, que incluía os mestres do Templo (Gérard de Ridefort) e do Hospital (Roger des Moulins), o arcebispo de Tiro e ainda Reinaldo de Sídon e Balian de Ibelin (um aliado tradicional de Raimundo). Contudo, sucedeu que, antes de os embaixadores latinos alcançarem Tiberíades, chegou ali (provavelmente no dia 30 de abril) um enviado muçulmano com uma mensagem de Saladino em que este pedia ao seu amigo Raimundo que autorizasse uma força de reconhecimento a atravessar, no dia seguinte, as terras do condado de Trípoli; os muçulmanos queriam atingir os domínios régios de Guido, nos arredores de Acre, de maneira a conhecerem melhor a situação no terreno, e prometiam a Raimundo não fazer qualquer dano no senhorio da Galileia. O conde de Trípoli, ignorando a aproximação de uma embaixada cristã, concordou, exigindo no entanto que o corpo expedicionário regressasse no mesmo dia ao seu local de partida.

A 1 de maio, sob o comando de Muzafar al-Din Gokböri (o “lobo azul”, filho de um antigo apoiante de Zengi e que tinha passado para o campo de Saladino), passou ao largo de Tiberíades e avançou para poente, penetrando abertamente em território cristão. O grupo não seria muito grande, mas incluía diversos emires turcos, esquadrões de Damasco e de Alepo e muitas tropas da Jazira. Foi então que Raimundo, tendo pelo seu lado sabido da aproximação de uma embaixada cristã proveniente de Jerusalém, enviou um aviso aos barões que a integravam, para os prevenir do que estava a acontecer. Nessa altura, é provável que a delegação cristã já soubesse da missão muçulmana de reconhecimento, por via dos avisos de Raimundo às suas tropas na Galileia (Nicolle, 1995: 56-57). Em resposta, no dia 30 de abril, o mestre do Templo decidira já reunir as forças templárias da região, tendo mobilizado 80 freires cavaleiros da sua comenda de Caco.

No dia seguinte (1 de maio), Gérard de Ridefort conduziu as suas tropas para Nazaré, onde recolheu o apoio dos 40 cavaleiros da guarnição régia que protegiam os acessos à basílica da Anunciação; depois, juntaram-se-lhe alguns seculares e marcharam todos para leste, até Fonte de Cresson (ligeiramente a nordeste de Nazaré). O objetivo do mestre do Templo consistia em, com perto de 140 cavaleiros (20 dos quais da escolta direta dos dois mestres), umas centenas de peões e um número desconhecido de turcopolos (cavalaria ligeira), reagir

à provocação muçulmana e enfrentar a hoste comandada pelo emir Gokböri (tradicionalmente, aponta-se para 7000 homens, mas parece-nos prudente a proposta de David Nicolle, quando a reduz a apenas 700 cavaleiros, atendendo a que se tratava de uma simples força de reconhecimento).

Em Fonte de Cresson, no dia 1 de maio de 1187 e apesar do conselho em sentido contrário dado pelo mestre dos Hospitalários, Roger des Moulins, e por alguns veteranos do Templo, o mestre Gérard de Ridefort forçou o combate e saiu-se mal: a cavalaria cristã, pressurosa em carregar sobre os seus inimigos, perdeu o contacto com as forças apeadas e, em clara inferioridade numérica, apesar do aparente sucesso inicial acabou por ser superada e envolvida pela cavalaria adversária e foi quase completamente aniquilada; apenas o mestre do Templo e um número reduzido de cavaleiros latinos escaparam à morte ou à captura, e as forças do “lobo azul” ainda puderam desbaratar depois a infantaria cristã e saquear as redondezas, regressando de imediato à sua base. O mestre Roger des Moulins e Jaquelin de Maillé morreram de armas na mão, e neste combate desapareceram também 60 cavaleiros templários conduzidos pelo marechal Robert Fraissnel. O erro de Gérard de Ridefort acabou por sair tremendamente caro e teria consequências pesadas no alinhamento das forças em Hattin, dois meses mais tarde (Claverie, 2009: 363; Nicolle, 1995: 57). Como comenta Ibn al-Athir, a alegria espalhou-se de imediato no campo muçulmano: “Foi um grande triunfo, porque os Templários e os Hospitalários são os títeres dos Francos. Foram expedidos comunicados vitoriosos pelas terras, para dar conta destas notícias” (Ibn al-Athir, ed. Richards, p. 319).

A derrota cristã em Fonte de Cresson serviu, ainda assim, para reconciliar o rei Guido de Lusignan com o conde Raimundo III de Trípoli, tanto mais que, na mesma altura, uma frota do imperador de Bizâncio, Isaac II Anjo, atacara o Chipre, uma ilha que era defendida por um pretendente rival do *basileus* que era aliado do príncipe latino de Antioquia: Isaac foi acusado de apoiar Saladino e, com isso, a relação entre os cristãos latinos e gregos voltou a degradar-se, justamente no momento em que Saladino preparava um ataque decisivo!

### III. O combate decisivo torna-se inevitável

Ao tomar conhecimento do desastre dos cristãos em Fonte de Cresson, Saladino, que reduzira já o poder de Reinaldo de Châtillon na Transjordânia ao controlo dos castelos de Kerak e Montreal, regressou ao norte reforçado por algumas tropas egípcias, enquanto o seu irmão Al Adil voltava para o Cairo. O sultão estava decidido a atacar o reino de Jerusalém logo que possível e ordenou ao seu filho, Al Afdal, a quem se juntou por volta do dia 27 de maio, que inspecionasse a condição das pastagens e dos postos de abastecimento de água na região de Tal Ashtarrah, o ponto de concentração favorito dos muçulmanos. Entretanto, Taqi al-Din, depois de vigiar as movimentações dos Arménios da Cilícia, preparava a assinatura de uma trégua com o principado de Antioquia (o



testa-de-ponte. Tendo em conta a distância entre Tal Ashtarrah e Al-Uqhuwana (cerca de 60 km), o grosso da hoste muçulmana só aqui terá chegado no dia 29 (ou 30); depois, subiram todos, sem serem minimamente incomodados, até às cumeeiras da Galileia, uma vez que o plano de Saladino passava por avançar para as montanhas desta região e posicionar a sua hoste num lugar estratégico, junto de uma boa fonte de água. No dia 29 ou 30, Saladino já deve ter alcançado a zona de Kafr Sabt [Cafarsset], uma ótima posição estratégica, que lhe permitia atacar em qualquer direção. Com um exército tão grande (Nicolle, 1995: 59, admite que atingisse os 45 000 homens, dos quais 12 000 a cavalo), o sultão aiúbida acreditava que tinha boas condições para derrotar os latinos numa batalha campal, mas quis garantir que esta se travaria nas melhores condições possíveis, o que implicava impedir que os Francos tomassem a iniciativa e pudessem responder como em 1182, controlando os pontos altos e os principais abastecimentos de água entre Saforie e Tiberíades.

Do lado cristão, concertadas as pazes entre o rei Guido e o conde Raimundo de Trípoli, foi lançado o *arrière-ban* em finais de maio, com vista a uma mobilização geral de tropas. Graças à avultada verba doada por Henrique II de Inglaterra (fala-se em 30 000 marcos) e entregue pelo mestre do Templo ao monarca de Jerusalém, foram recrutados mercenários, em especial sargentos montados, que ostentavam um estandarte com as armas do rei britânico. Guido reuniu um conselho de barões em Acre, onde foi dada a informação de que, a partir da zona pantanosa de Al-Uqhuwana (entre o lago de Tiberíades e os rios Jordão e Yarmouk), os muçulmanos tinham começado logo a enviar pequenos contingentes armados para poente, saqueando a região compreendida entre Nazaré, Tiberíades e o Monte Tabor e assinalando assim o início da invasão. Por isso, os cristãos decidiram avançar de imediato para Saforie, um local ligeiramente a noroeste de Nazaré, rico em água e que os Cruzados gostavam de eleger como ponto de concentração das suas tropas. Os castelos de Safed e de Belvoir devem ter sido alertados e, em Saforie, ter-se-ão acabado por concentrar, nos finais de junho, segundo David Nicolle (1995: 61), entre 20 000 e 23 000 homens, dos quais 1 200 cavaleiros, até 4 000 sargentos de cavalaria ligeira e turcopolos e ainda 15 000 a 18 000 peões de qualidade muito desigual (desde besteiros profissionais a peões veras inexperientes). A questão estava em saber o que fazer com toda esta tropa!

Na verdade, Saladino, com o grosso da sua hoste instalado em Kafr Sabt, tomara completamente a iniciativa do jogo e tratava agora de reconhecer cuidadosamente a região de Lubia (apenas 4 km a noroeste de Kafr Sabt, em subida suave), para ganhar o controlo das duas vias principais que ligavam Saforie a Tiberíades, a praça onde se encontrava a condessa Eschiva e que os muçulmanos devem ter bloqueado logo no último dia de junho ou no dia seguinte; para além disso, batedores muçulmanos avançaram até Saforie, de forma a provocar os cristãos ali concentrados. Como escreveu Imad al-Din (com evidente exagero), “(...) o número dos cristãos ultrapassava qualquer cálculo; eles eram numerosos como calhaus, pelo menos cinquenta mil ou mais, com todos os seus artifícios! Eles

tinham-se reunido em Saforie, onde tinham chegado vindos de perto ou de longe, e não queriam dali sair mais. Todas as manhãs, o Sultão Saladino marchava ao seu encontro, ameaçava-os, fustigava-os. Atacava-os para que eles se decidissem a atacá-lo a ele, a fazer descer as suas espadas das suas colinas e a afastar as suas gargantas das suas fontes, mas eles permaneciam escondidos sem se mostrarem e não se arriscavam nada cá fora” (Imad al-Din, ed. Gabrieli, p. 156).

Não tendo conseguido atraí-los, o sultão jogou uma cartada genial: assaltou Tiberíades com engenharia de cerco, ainda que correndo o risco de ficar exposto entre duas guarnições cristãs (a de Saforie e a de Tiberíades)... A defesa desta última praça era muito reduzida, pelo que a conquista foi imediata, tendo a condessa tratado de se refugiar com os filhos, na noite de 2 de julho, na cidadela da vila. Assim se consumava o primeiro sucesso de Saladino nesta campanha: mesmo que não tivesse a possibilidade de enfrentar e de vencer os Francos em batalha campal, pelo menos já tinha conquistado uma das suas praças mais emblemáticas, o que constituía um merecido prémio para a ousadia do sultão e um incentivo à prossecução da *Jihad*.

O ataque a Tiberíades obrigou a um novo conselho de guerra cristão em Saforie, na própria noite do dia 2 de julho (uma quinta-feira). As fontes não são concordantes na reconstituição deste encontro, mas a tendência é para seguir Ibn al-Athir, que, ao contrário de Imad al-Din, afirma que o conde Raimundo se terá oposto à ideia de socorrer a praça, dado que qualquer movimento para leste, por uma estrada com tão poucas fontes e quase sem forragens para os cavalos, seria arriscadíssimo; se ficassem em Saforie, obrigariam Saladino a retirar, ou a atacar os cristãos numa posição desvantajosa. É natural que Guido de Lusignan tenha concordado com esta estratégia: isso era justamente o que ele optara por fazer em 1183, e por alguma razão os Francos não tinham reagido às movimentações muçulmanas durante os dias anteriores (é até possível que a chegada dos latinos a Saforie tenha sido anterior à deslocação de Saladino para Kafr Sabt); além disso, Guido, agora, já era rei (e não regente) de Jerusalém, e nem sequer precisara de fazer uma proposta de reação timorata, pois o conde de Tripoli acabara de fazer recair sobre si esse ónus... Deste modo, o conselho dissolveu-se, não sem que antes o truculento Reinaldo de Châtillon tenha acusado Raimundo de felonía: “Há muito tempo que tu andas a tentar meter-nos medo com os muçulmanos; sem dúvida que tomaste o partido deles e que te inclinas a seu favor, de outro modo não terias falado assim. Quanto ao seu [grande] número, o fogo do inferno precisa de muito combustível!” (Ibn al-Athir, ed. Gabrieli, p. 149)...

Não sabemos o que se passou depois, mas é certo que, durante o resto da noite de 2 para 3 de julho, talvez por pressão do mestre do Templo, Gérard de Ridefort (que também acusara Raimundo e que terá invocado que o dinheiro de Henrique II de Inglaterra não podia ser desperdiçado em vão), o rei Guido de Lusignan mudou de opinião e decidiu avançar, logo no dia seguinte, rumo a Tiberíades! Ora, isso era justamente o que Saladino desejava, pelo que Imad al-Din conta que “quando a notícia foi confirmada, o Sultão alegrou-se e gozou-se com

o avanço deles. ‘O nosso objetivo concretizou-se, disse ele, o nosso pedido foi totalmente satisfeito, aconteceu-nos aquilo que nós desejávamos’” (Imad al-Din, ed. Gabrieli, p. 158). Também Ibn al-Athir explica que “o único propósito dele [Saladino] ao cercar Tiberíades foi levar os Francos a abandonarem a sua posição, de modo a poder combatê-los” (Ibn al-Athir, ed. Richards, p. 321).

Podemos, claro está, discutir a sensatez da decisão do rei de Jerusalém. Provavelmente, ele não terá resistido às pressões a que foi sujeito por parte de alguns grandes barões latinos, a começar pelo mestre dos Templários e por Reinaldo de Châtillon. Convém recordar que Guido se encontrava numa posição política ainda frágil, pois subira ao trono só no ano anterior e em condições muito polémicas; além disso, a aliança de Raimundo com Saladino lançara sobre o conde de Trípoli o ódio de muitos barões, e uma excessiva colagem de Guido ao antigo regente podia ser comprometedor. Como quer que seja, a verdade é que a decisão era de elevado risco, pois a passividade do exército cristão nos dias anteriores permitira a Saladino controlar as variáveis principais do combate (vias de comunicação, pontos altos, água), pelo que, agora, não seria fácil derrotar os muçulmanos.

A partir de Saforie, a hoste cristã dispunha de poucas alternativas para alcançar Tiberíades (a cerca de 30 km de distância, o equivalente a um dia, ou um dia e meio, de marcha). Uma grande estrada romana ligava então Acre a Tiberíades; um pouco a nordeste de Saforie, essa estrada atingia os 10,4 m de largura e a presença de um marco miliário indica nesse ponto uma distância de apenas duas milhas até Saforie, pelo que a estrada principal devia ter uma ramificação para sudoeste, até ao local de concentração dos Francos. Segundo Benjamin Kedar (historiador israelita e talvez o mais famoso estudioso da batalha de Hattin), graças ao estudo arqueológico da rede viária da Baixa Galileia realizado desde a década de 1980 também foram encontrados vestígios de uma antiga estrada ligando, em *bypass*, Saforie ao noroeste, assim como de uma outra via que, através de território montanhoso, subia de Saforie para sudeste, até Mashhad; já na estrada que liga Fonte de Saforie (cerca de 2 km a sudoeste de Saforie) a Mashhad (rota alternativa sugerida por alguns historiadores ilustres, como Joshua Prawer), não se encontraram ainda vestígios antigos (Kedar, 1992: 195).

Como algumas fontes cristãs, em especial os chamados continuadores em francês antigo da *História* de Guilherme de Tiro (Ernoul e Eraclès), afirmam que a hoste latina prendeu e torturou uma velha muçulmana que os amaldiçoou a duas léguas de Nazaré, é possível que a hoste de Guido, depois de se abastecer convenientemente de água (diz-se que, nessa altura, os cavalos se recusaram a beber, o que foi um mau prenúncio) tenha utilizado a estrada (mais difícil) de Fonte de Saforie para Mashhad, que fica justamente duas léguas a nordeste de Nazaré, rumando depois a norte. No entanto, as medidas medievais são muito incertas e, como lembrou R. C. Smail (1995: 204), também não devemos exagerar a importância das estradas para a deslocação de exércitos que, para este tipo de operações de vizinhança e nesta época, não tinham de se fazer acompanhar por

veículos de rodas. Sendo assim, também não custa admitir que o rei Guido tenha optado pela estrada (muito mais fácil e apenas ligeiramente mais comprida) que ligava Fonte de Saforie à grande via romana que passava mais a norte, marchando a partir daí para leste, na direção de Tiberíades (Kedar, 1992: 195).

Há historiadores (como Malcolm Lyons e D. E. P. Jackson, 1982: 259-261) que defendem que este avanço cristão para leste seria apenas um teste, uma sondagem: caso os muçulmanos atacassem a partir do seu acampamento principal, situado perto de Kafr Sabt [Cafarsset], os Francos poderiam imobilizá-los contra a cumeeira norte-sul que se situava a leste da aldeia de Turan [Tu 'ran ou Tourran]; já no caso de os homens de Saladino optarem por permanecer em Kafr Sabt, os Latinos poderiam regressar à fonte de Turan, e neutralizariam depois a ameaça do sultão a Tiberíades por meio de ataques repetidos ao principal acampamento muçulmano.

Nunca saberemos ao certo qual era exatamente a intenção de Guido e dos barões que o aconselhavam, ao decidirem-se por esta reação tão tardia e arriscada. Certo é que a coluna cristã, com uma vanguarda sob o comando do conde Raimundo, um centro chefiado pelo próprio rei Guido (com a Vera Cruz de Cristo à guarda dos bispos de Lyda e de Ramla) e uma retaguarda liderada por Balian de Ibelin, alcançou Turan na sexta-feira, dia 3 de julho de 1187, ao princípio da manhã. Ao que tudo indica, alguns cristãos chegaram a beber água na fonte de Ayn Turan (ligeiramente a noroeste), mas o grosso da hoste não teve possibilidade de o fazer e a coluna continuou a avançar para leste, na direção de Tiberíades. Numa carta que escreveu logo no dia 10 de julho ao califa abássida de Bagdade, Saladino aponta esta decisão de Guido como um erro fatal: “Os falcões da sua infantaria e as águias da sua cavalaria pairaram à volta da água e ele decidiu-se por uma das águas marchando na direção dela e ladeando-a. Mas o diabo seduziu-o, levando-o a fazer o contrário daquilo que tinha em mente, e fê-lo ver como sendo bom para ele aquilo que não era o seu [verdadeiro] desejo e intenção. Então ele abandonou a água e partiu para Tiberíades, tendo decidido, por orgulho e arrogância, tomar a sua vingança” (Carta de Saladino, ed. Melville and Lyons, p. 211).

É importante analisar este ponto de não-retorno da campanha, em que os Cruzados terão deitado tudo a perder. Como demonstrou Benjamin Kedar, Ayn Turan não dispunha senão de uma pequena fonte, decerto insuficiente para dessedentar tantos homens e animais. Aliás, as descargas de água das fontes da região foram estudadas por Kedar, que, sem deixar de admitir que a realidade de hoje possa ser diferente daquela que existia nos finais do séc. XII (embora a proporção relativa possa ser semelhante), concluiu que as fontes de Saforie são as mais abundantes da Baixa Galileia: debitam entre 86 000 e 108 000 litros de água por hora, no verão, sendo seguidas pelas fontes de Hattin, com 17 000 a 34 000 litros. Todas as outras fontes da zona apresentam descargas muito menores, tendo a de Ayn Turan sido avaliada em apenas 108 litros por hora, no dia 12 de julho de 1989 (Kedar, 1992: 196-197). Portanto, o erro de Guido não consistiu tanto

em desaproveitar as águas, que apenas matariam a sede a uma pequena parcela da hoste cruzada; a questão é outra. Como observou Michael Ehrlich (2007: 30), se tivessem optado por ficar em Turan (perto da curva de nível 400), os Francos teriam podido enfrentar os seus adversários em muito melhores condições do que em Maskana, situada a apenas 188 metros de altitude, em zona claramente abaixo do principal acampamento muçulmano, estabelecido em Kafr Sabt; de resto, talvez permanecendo em Turan os Francos tivessem podido evitar a batalha. Saladino percebeu o erro e mandou de imediato as suas forças ocupar a dita zona de Turan, ficando portanto na posse de mais um ponto elevado e com algum abastecimento de água.

Assim sendo, a hoste cristã prosseguiu a sua marcha, que se tornava cada vez mais lenta e penosa, porque entretanto o calor e o pó aumentavam, a sede e a angústia cresciam, e os muçulmanos iam fazendo, com paciência de ourives, um trabalho cuidadoso de envolvimento da coluna inimiga, que não deixavam de fustigar, designadamente através de um tiro inclemente contra os cavalos dos latinos. Esse tinha, aliás, sido o objetivo de Saladino desde o início; como escreve Imad al-Din, o sultão tinha recomendado aos emires e aos chefes do seu exército “que se colocassem em face dos Francos e que os apertassem o mais possível” (ed. Gabrieli, p. 156)!

Alguns quilómetros a leste de Turan, a estrada para Tiberíades dividia-se em dois: o ramal principal passava através da posição forte de Saladino, em Kafr Sabt, enquanto um outro ramal, que também conduzia a Tiberíades, corria para norte, fazendo uma curva perto de Maskana, de Lúbia [Lubiya ou Lubiya] e dos Cornos de Hattin (Nicolle, 1995: 62). De maneira a evitar a posição principal de Saladino, e como já percebemos, os cristãos avançaram pelo ramal secundário, redobrando os cuidados na marcha, com a cavalaria protegida por caixas de infantaria em cada um dos segmentos da hoste. Mas já pouco conseguiam progredir, de tão cercados que estavam pelos seus adversários, com o centro de Saladino a cobrir todo o flanco leste, os contingentes de Taqi al-Din a ocupar o setor mais a norte e os corpos comandados por Gokböri a fechar sobre o lado poente.



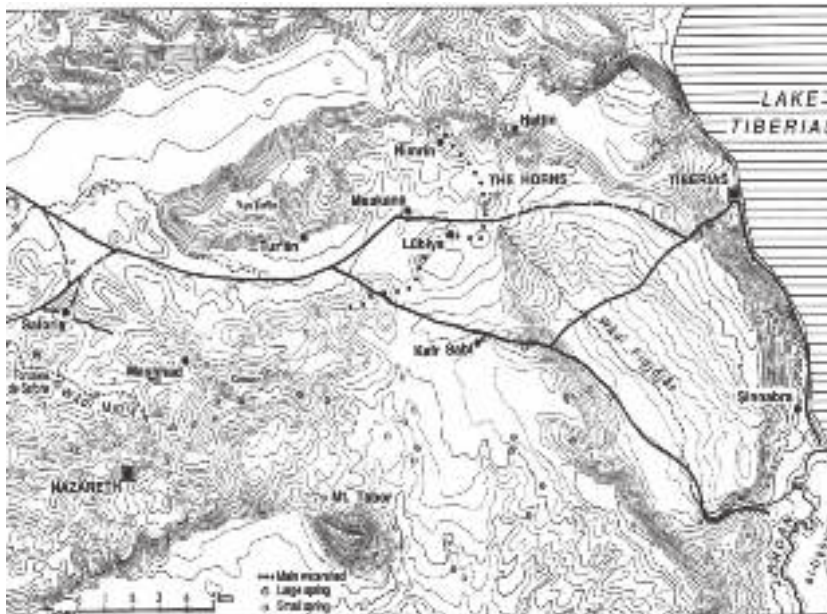


Fig. 3 - Gravura da região entre Nazaré e o Lago Tiberíades, in Benjamin Kedar (ed.), *The Horns of Hattin*, Londres, Variorum, 1992.

Por volta do final da manhã, a vanguarda de Raimundo terá chegado muito perto de Maskana [Manescalia, Marescalcia, ou Miskinah] e soube que a retaguarda cristã tinha sido obrigada a parar. Nessa altura, como comenta Nicolle (1995: 62), o exército cruzado devia espalhar-se por uma área planáltica com perto de dois quilómetros de extensão; no seu flanco esquerdo, tinha umas encostas íngremes e arborizadas formando uma pequena colina com a povoação de Nimrin no topo; à direita, surgiam outras tantas colinas arborizadas, coroadas pelas cidades de Sejera e Lubia (que, como vimos, Saladino reconheceu e ocupara desde muito cedo); em frente, avistavam-se, a cerca de 5 km, os Cornos de Hattin (dois pequenos picos vulcânicos, que se acreditava corresponderem ao local onde Jesus Cristo pregou o Sermão da Montanha) e, mais além, o lago de Tiberíades, cujas águas só deviam ser visíveis a partir do flanco direito; devido à sede, talvez o azul deste lençol de água tivesse parecido aos Cruzados relativamente próximo, mas a verdade é que se encontravam ainda a 12 km de distância...

A partir daqui, é difícil termos a certeza do que sucedeu, uma vez que os testemunhos, mesmo os presenciais, são contraditórios. No entanto, duas coisas parecem certas. Primeiro, a hoste cristã estava já numa situação terrível: desde Turan, não conseguira avançar mais de quatro quilómetros para leste, e começava a cavar-se um fosso perigoso entre os seus três segmentos principais (a vanguarda de Raimundo, o centro do rei Guido e a retaguarda de Balian de Ibelin); os Cruzados encontravam-se numa depressão do terreno e estavam rodeados de muçulmanos por todos os lados, sofrendo bastante com o tiro dos arqueiros

de Saladino, que visavam especialmente as montadas; além disso, a sede já era muita e a esperança de salvação começava a dissipar-se. Em segundo lugar, parece seguro que, algures durante a tarde de dia 3 de julho, a hoste cruzada avaliou a situação e tomou a decisão de acampar em Maskana, escassos 300 metros a norte da grande via romana que liga Acre a Tiberíades.

As fontes cristãs – teoricamente mais úteis neste particular – dividem-se na explicitação desta última medida: o autor anónimo do *Libellus de Expugnatione Terrae Sanctae* (testemunha ocular dos acontecimentos) afirma que Raimundo incitou o rei a acelerar, para a hoste conseguir alcançar a água; o rei começou por concordar, mas depois mudou de opinião devido à pressão turca sobre a retaguarda, acabando por ordenar que acampassem no local, uma decisão que o conde de Trípoli considerou um erro trágico, uma vez que uma investida vigorosa em direção ao lago de Tiberíades poderia ter salvo o exército, ao passo que acampar no árido planalto tornaria a derrota inevitável. Já um dos continuadores da *História* de Guilherme de Tiro (Eraclès) sugere que Raimundo, julgando impossível alcançar Tiberíades ainda naquele dia, sugeriu a Guido que virasse à esquerda, descesse até Hattin e às suas fontes e continuasse no dia seguinte para Tiberíades; porém, a manobra desorganizou a hoste e os muçulmanos conseguiram chegar primeiro às fontes de Hattin; outro continuador de Guilherme de Tiro afirma que foi Raimundo quem sugeriu a Guido que acampassem no planalto (Kedar, 1992: 198).

É difícil saber onde está a verdade, e é bem natural que o fiasco da campanha tenha reacendido *a posteriori* as velhas rivalidades entre o rei de Jerusalém e o conde de Trípoli, potenciando reconstruções do acontecimento repletas de incriminações mútuas. Parece, no entanto, seguro admitir que, na noite de sexta-feira, dia 3 de julho, os cristãos acamparam muito perto de Maskana. Sublinhamos, ao mesmo tempo, que nesse final de dia pode ter também começado a ganhar forma a ideia, que Eraclès atribui ao conde Raimundo, de uma mudança de rota na direção de Hattin, que estava a apenas cinco quilómetros de distância (ou seja, a menos de metade do lago de Tiberíades), dispunha de abundante abastecimento de água e tinha uma proteção natural envolvente não despicienda (os chamados “Cornos de Hattin”): como a investigação arqueológica de Zvi Gal, entre 1976 e 1981, revelou, estes dois picos estão rodeados por uma muralha da Idade do Ferro, tendo o corno sul (um pouco mais alto do que o outro) também uma muralha da Idade do Bronze Tardio, de que ainda restam hoje alguns vestígios impressionantes (Kedar, 1992: 205-206).

Maskana não tinha água natural por perto (e Ibn al-Athir refere que os muçulmanos tinham destruído todas as cisternas da zona: ed. Richards, p. 321), o que ajudou a tornar a noite de 3 para 4 de julho no acampamento cristão um verdadeiro pesadelo. É provável que Saladino e/ou Taqi al-Din tenham então avançado os seus acampamentos para as proximidades de Lubia (apenas 2 km a sudeste de Maskana), o que criou um cenário extraordinariamente dramático: durante aquela noite de sexta-feira para sábado, de tão perto que estavam, os

adversários ouviam-se uns aos outros e os piquetes de segurança rivais quase podiam comunicar entre si! Do lado muçulmano, muito mais confiante, rufavam tambores e ecoavam cânticos e rezas (Ibn al-Athir diz que lançavam grandes gritos de “Deus é grande” e “Não há outro Deus senão Alá”: ed. Richards, p. 149), tanto mais que era a Noite de Khidr, uma celebração religiosa muçulmana (Nicolle, 2011: 27). Saladino, sempre atento, mandou vir de Kafr Sabt o resto da sua hoste, incluindo a infantaria, e foram distribuídos pelos diversos setores do exército 400 camelos carregados de setas, enquanto outros 70 ficavam guardados como reserva; os muçulmanos dispunham ainda de uma caravana de camelos que trazia água potável em peles de cabra, esvaziando-se depois o precioso líquido em vasilhas de barro colocadas no chão (Nicolle, 2011: 27). Enquanto isso, outros muçulmanos reuniam gravetos e madeira nos montes em volta e empilhavam-nos em locais estratégicos (ou seja, na direção do vento que conduzia ao acampamento cristão, próximo da previsível futura linha de marcha adversária), prontos para arderem na manhã seguinte...

#### **IV. A jornada fatal de 4 de julho**

Como se adivinha, a batalha estava decidida antes mesmo do raiar da aurora de sábado, dia 4 de julho; só um milagre poderia salvar a hoste cruzada. Graças à experiência acumulada nas campanhas de 1182 e 1183, Saladino aproveitara sagazmente a hesitante liderança de Guido de Lusignan e a sua tendência natural para demorar a reagir, e tratara de ocupar as posições que mais lhe convinham, garantindo o controlo das zonas elevadas e dos pontos de abastecimento de água. Ao atacar Tiberíades, convencera um adversário relutante a sair da sua toca, e agora preparava-se para o esmagar, depois de o ter fustigado em jeito de aperitivo, retardando a sua marcha e alongando perigosamente a respetiva coluna. Como sintetiza Imad al-Din:

“O Sultão dispôs em frente deles os seus batalhões e não pensava senão no combate; avançou contra eles com o seu exército, controlando o ritmo para a carga e interditando-lhes os poços de água, o que os reduziu a uma necessidade extrema: a golpes de sabre, impediu-os de descer rumo à água e partiu-os em dois, mantendo-os sempre afastados. Ora, o dia estava quentíssimo e eles ardiam também de cólera, pois com esta canícula ardente eles tinham consumido todas as suas provisões de água e não podiam resistir à sede. A noite separou os dois exércitos e a cavalaria cortou as estradas de ambos os lados. O Islão passou a noite diante dos incrédulos, o monoteísmo em face dos trinitários: a via justa vigiava o erro, a fé opunha-se ao associacionismo, enquanto se preparavam os diversos círculos do inferno e se alegravam os do paraíso” (Imad al-Din, ed. Gabrieli, pp. 158-159).

Neste ponto, parece-nos razoável admitir que Saladino tenha igualmente ordenado aos seus homens – nomeadamente aos do flanco direito, comandado por Taqi al-Din – que controlassem também a via secundária para Hattin (onde

os cristãos acreditavam encontrar-se o local da sepultura do profeta bíblico Jetro, sogro de Moisés) e o acesso às suas abundantes fontes. À distância a que os cristãos se encontravam destas, seria incompreensível que o sultão aiúbida, que tão bem conduziu a campanha, tivesse descuidado uma medida tão elementar. Aliás, uma das versões cristãs em francês antigo (devida a Eraclès) afirma que os muçulmanos conseguiram chegar primeiro às fontes de Hattin, testemunho que é parcialmente corroborado por um relato da batalha descoberto por Jean Richard em meados do séc. XX (cf. Kedar, 1992: 198).

Quando amanheceu, no dia 4 de julho, os Cruzados retomaram a sua marcha para leste, provavelmente continuando a utilizar a grande estrada romana. Todas as fontes muçulmanas (nomeadamente Ibn al-Athir, Imad al-Din e Al Muqaddasi, os dois últimos testemunhas presenciais da batalha), fontes essas que são muito mais majestosas e detalhadas do que as cristãs na reconstituição de toda a campanha, indicam que a coluna de marcha cristã se encaminhava para o lago de Tiberíades. Apesar de este objetivo estar mais afastado do que Hattin e as suas preciosas fontes, para chegar a estas últimas o conjunto da hoste cruzada teria de superar os muçulmanos que guardavam os acessos, subir depois a encosta (a cavalo e sem o apoio da infantaria, que não iria aguentar o passo) e, por fim, dominar os arqueiros inimigos, que deviam estar já a guardar a água. Por outro lado, como observa Benjamin Kedar, a arrancada em direção ao lago também tinha as suas vantagens, pois deixava mais indefinido para os muçulmanos qual o objetivo exato da marcha dos Francos, uma vez que a frente líquida era muito larga e poderia ser alcançada em diversos pontos; e também não se fechava completamente aos cristãos a oportunidade de atacarem em força o corpo principal dos muçulmanos (Kedar, 1992: 203; Herde, 1966: 30-33).

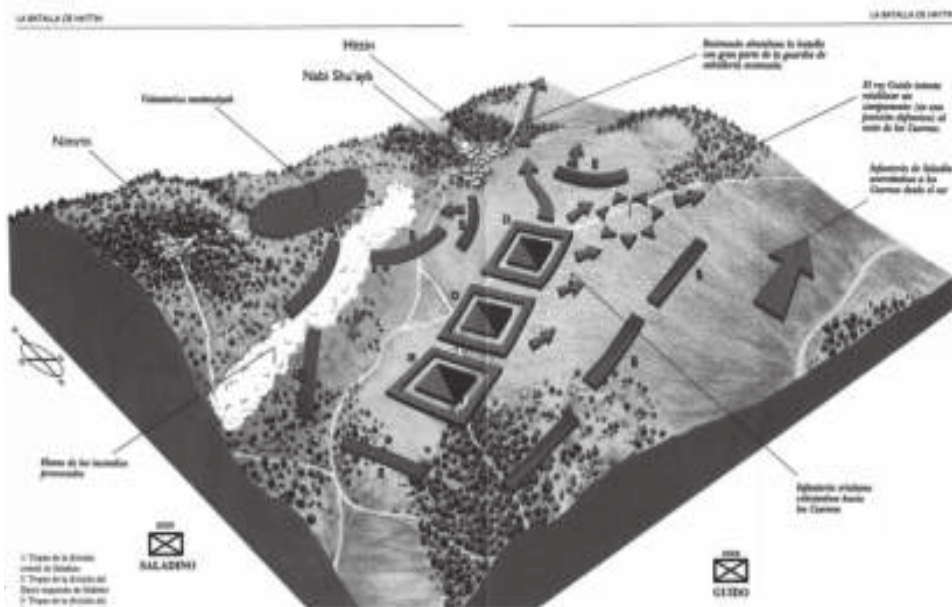


Fig. 4 - Gravura « La Batalla de Hattin »,  
in David Nicolle, *Hattin, 1187. La Mayor Victoria de Saladino*, trad. esp., Ediciones del Prado,  
1995 (pp. 66-67).

Saladino não teve pressa de consumir a chacina. Mandou os voluntários *muttawiyah* acender os fogos e, com isso, acrescentou ao sofrimento dos cristãos uma tortura suplementar: a provocada pelo fumo, que tornava o ambiente irrespirável, irritava os olhos e aumentava exponencialmente a sensação de sede (mas claro que os destacamentos muçulmanos que se encontravam no lado nascente também devem ter sido, ao menos parcialmente, afetados). Possivelmente, os fogos terão sido acesos em diversos momentos, de forma faseada e conforme o andamento dos cristãos.

Estes lá marchavam como podiam, organizados nas suas caixas protetoras, com a infantaria por fora e a cavalaria por dentro, tentando preservar-se o mais possível do tiro inclemente (e, em grande parte do percurso, de cima para baixo) dos arqueiros muçulmanos. Como sugere Michael Ehrlich (2007: 31), parece provável que os ataques de Saladino, em clara superioridade numérica, tenham incidido sobretudo em dois pontos: entre a vanguarda e o corpo principal; e entre o corpo principal e a retaguarda. Se assim foi de facto, terá sido a unidade central da hoste cristã, liderada pelo rei Guido (acompanhado pelos Hospitalários e, possivelmente, pelos Templários, que fechariam este segmento da coluna), a pagar as despesas da aventura. De certa forma, os muçulmanos ter-se-ão centrado

num objetivo principal, atacando mais insistentemente a “cabeça da serpente inimiga” e continuando a separá-la das restantes forças cruzadas. Para resistir à pressão e conseguir continuar a marcha, os esquadrões das Ordens Militares tiveram de executar algumas cargas a cavalo, em especial a partir da retaguarda do corpo central da coluna cristã, cargas essas que parece terem sido relativamente bem-sucedidas, mas que terão implicado também muitas baixas.

Segundo conta Ibn al-Athir, “a batalha inflamou-se e tornou-se feroz, com uma tenaz resistência de ambos os lados: os arqueiros muçulmanos lançaram uma nuvem de flechas, como se fossem grandes enxames de gafanhotos, e mataram neste combate muitos dos cavalos dos Francos. Estes juntaram-se à sua infantaria e pressionaram, continuando a combater, na direção de Tiberíades, na esperança de alcançarem a água” (Ibn al-Athir, ed. Gabrieli, p. 149). Imad al-Din, num estilo sempre mais floreado, confirma no essencial este relato, ao explicar que a tropa dos Francos, “apertada de todos os lados, procurava por onde se escapar; mas, a cada tentativa, eram crivados de flechas e torturados pelo calor do combate. Contudo, eles não se davam por vencidos e carregaram, não tendo outra forma de apaziguar a sede de que sofriam do que ‘a água’ das lâminas que empunhavam nas suas mãos. (...) Eles foram reduzidos à impotência, desalojados, pressionados e perseguidos; a cada uma das suas cargas, eles eram repelidos e massacrados; em cada um dos seus movimentos ofensivos, eles eram capturados e aprisionados” (Imad al-Din, ed. Gabrieli, p. 159).

Este cenário ajuda a iluminar um dos episódios mais controversos da batalha: a fuga de Raimundo III de Trípoli. O conde, à cabeça da vanguarda da coluna cristã, provavelmente já sem ilusões quanto ao desfecho da campanha e possivelmente até adepto de uma outra estratégia, arrancou para norte, concretizando uma carga bem-sucedida na direção de Hattin. Ao que parece, a carga foi suficientemente violenta para que os homens de Taqi al-Din tivessem optado por não se lhe opor tenazmente, permitindo ao conde ir embora e, com isso, deixando o núcleo duro da hoste cristã ainda mais entregue à sua sorte. Pelo menos é isso que parece poder deduzir-se dos relatos muçulmanos:

“O conde, avaliando a situação, compreendeu que não poderiam resistir aos muçulmanos e, com o acordo dos seus, carregou sobre os que lhe faziam frente, isto é, sobre Taqi al-Din Umar, sobrinho de Saladino, que comandava os muçulmanos deste setor; constatando a carga desesperada dos Francos, Taqi compreendeu que seria vão opor-se-lhe e ordenou que se lhes abrisse uma passagem” (Ibn al-Athir, ed. Gabrieli, p. 150).

“Quando o conde se apercebeu da derrota, deixou transparecer a sua dor, perdeu a sua energia e procurou um meio de se pôr em fuga, antes mesmo que o grosso das tropas se dispersasse, que a brasa pegasse fogo, que a guerra se inflamasse e que o incêndio se espalhasse; ele procurou, pois, escapulir-se com a sua gente e lançou-se sem olhar para trás na travessia de um barranco; ele fugiu como um relâmpago, (...) seguido por um pequeno número” (Imad al-Din, ed. Gabrieli, p. 160).

“Quando o Conde, Deus o amaldiçoe, viu que a Fortuna se virava rapidamente contra ele, virou as costas dizendo: ‘não tenho nada que ver contigo. Eu vejo aquilo que tu não vês’” (citação do *Corão*, 8.50). (Carta de Saladino, ed. Melville and Lyons, p. 211).

As fontes cristãs são menos inclementes com Raimundo, em especial as versões em francês antigo, afirmando que o conde atacou por ordem de Guido e que os sarracenos abriram alas para o deixar passar. Já o *Libellus de Expugnatione*, afirma que os homens de Raimundo decidiram escapar depois de se terem visto separados do corpo principal do exército cristão, que era a unidade do rei (Kedar, 1992: 205). David Nicolle (2011: 30) considera que a intenção de Raimundo não foi a de trair a causa cristã, mas sim a de romper o cerco e garantir o acesso à fonte de Hattin, e admite que Taqi al-Din e a sua ágil cavalaria não contrariaram o movimento e deixaram os cavaleiros cristãos internar-se na garganta que conduzia à aldeia de Hattin porque sabiam que o conde não teria hipótese de voltar para trás, por um lado devido à configuração do terreno, por outro porque os muçulmanos tratariam de fechar a passagem logo a seguir. O certo é que Raimundo continuou pelo Vale do Hamman abaixo, em direção ao lago de Tiberíades, tendo depois evitado a armadilha de se reunir à esposa na cidadela que ainda resistia e optado por seguir para norte, rumo à cidade costeira de Tiro; o conde faleceria poucos meses depois, em Tripoli (diz-se que de pleuresia, o que recorda o fumo inalado em Hattin), destroçado, só e de consciência atormentada (ou, pelo menos, com a reputação arruinada).

Qualquer que seja a verdade que se esconde por detrás do movimento de Raimundo de Tripoli (velho opositor de Guido de Lusignan e, possivelmente, crítico de toda a campanha cristã de 1187), a retirada do campo de batalha do mais talentoso dos chefes militares cruzados afundou a moral dos Francos. Compreende-se por isso que, nesta fase da batalha, muitos elementos das forças de infantaria cristãs, em puro desespero de causa, tenham iniciado um movimento de debandada para leste, na direção dos Cornos de Hattin, onde poderiam ao menos encontrar algum refúgio num ponto alto e guardado pelas velhas muralhas que há pouco descrevemos. É natural que estes corpos de infantaria – mais provavelmente os do flanco direito da unidade central dos Cruzados, muito mais expostos – não acreditassem já na possibilidade de alcançar o lago de Tiberíades (e agora também já nem sequer as fontes de Hattin) e que, torturados pela sede, pelo fumo, pelo calor e pela poeira, exaustos pelo esforço e completamente desanimados, tenham respondido ao instinto e procurado no pico vulcânico situado mais a norte a sua derradeira tábua de salvação. Talvez alguns, naquele ambiente de confusão e de colapso generalizados, sonhassem ainda com a possibilidade de seguir o mesmo trajeto de Raimundo, mas terão encontrado a vereda salvadora já novamente bloqueada pelos homens de Taqi al-Din.

As fontes não nos ajudam muito nesta reconstituição, mas parece provável que a peonagem em fuga tenha tirado partido de uma brecha que se terá aberto

de forma natural, no momento da ‘carga em fuga’ de Raimundo de Trípoli, entre a posição de Taqi a-Din (mais a norte) e a de Saladino (mais ao centro); provavelmente, com isto muitos Francos até terão conseguido atravessar a principal bacia hidrográfica em algum ponto e colocar-se numa posição de relativa dominância (o pico norte era, ainda assim, menos elevado do que o outro), o que contudo não alteraria a sorte da batalha (Ehrlich, 2007: 30; Kedar, 1992: 202, n. 44; Nicolle, 2011: 30).

Depois disto, enquanto Balian de Ibelin (um velho aliado de Raimundo contra Guido de Lusignan) tratava também de ser pôr a salvo pelo flanco sul, levando consigo uma boa parte da retaguarda cristã, o rei, acompanhado pelos dois bispos que brandiam a Vera Cruz, procurava exortar a sua peonagem a descer do corno norte para se juntar às forças de cavalaria remanescentes, em torno de algumas tendas instaladas defensivamente na encosta ocidental dos Cornos de Hattin. O apelo não resultou e não terão sido erguidas mais de três tendas, uma frágil barreira contra os ataques da cavalaria muçulmana. Com os cavalos cristãos, já sem proteção da infantaria, a serem sucessivamente abatidos pelas flechas inimigas, Guido não teve outro remédio senão conduzir o que restava da sua hoste para os Cornos de Hattin. Os cavalos devem ter-se posicionado na parte plana do topo do corno sul, onde foi erguida a tenda real, de um vermelho garrido e visível de muito longe (cf. Carta de Saladino ao califa abássida: Melville and Lyons, 1992: 211-212). Obviamente, os muçulmanos, com o adversário finalmente reduzido a um microcosmos e confinado a um terreno bem delimitado (ainda que com dificuldades de acesso, sobretudo dos lados norte e leste), envolveram de imediato a posição cristã e trataram de começar a atacá-la.

Há um consenso generalizado no que diz respeito a esta fase final da batalha. Os Cruzados, provavelmente encabeçados pelos freires cavaleiros do Templo e do Hospital que se mantinham em combate, organizaram algumas cargas desesperadas a cavalo pela colina abaixo, provavelmente no sentido leste-oeste e tirando partido da grande cratera existente entre os dois cornos, visando alcançar a posição onde se encontrava o próprio Saladino, o que poderia inverter de forma espetacular a sorte da jornada. Porém, não foram bem-sucedidos e a tropa muçulmana pôde ripostar: a infantaria atacou pelos lados mais íngremes e, no corno norte, a infantaria cristã foi mesmo assaltada por trás, o que permitiu a conquista desta posição a meio da tarde. A seguir, Saladino ordenou ao sobrinho que carregasse sobre os cristãos que ainda resistiam no corno sul, um pouco mais íngreme mas ainda assim não inacessível; segundo Nicolle (2011: 30-31), que observou demoradamente o local, talvez Taqi al-Din tenha levado os seus homens pelo declive ocidental, mais suave, que conduzia a uma espécie deombo situado entre os dois picos vulcânicos; a cavalaria muçulmana lançou-se duas vezes pela encosta acima e, a determinada altura, a preciosa Vera Cruz foi capturada, devastando o que restava da moral dos cristãos. Guido continuou a resistir com um grupo limitado de bravos, a maior parte deles já a pé, mas, a certa altura, a tenda vermelha foi derrubada e, como Saladino imaginara, a resistência



soçobrou de vez, com muitos Francos a serem capturados no chão, exaustos pelo esforço do combate. Vale a pena recuperar o essencial do empolgante relato de Ibn al-Athir sobre o final da batalha:

“Então os sobreviventes Francos subiram a uma colina do lado de Hattin, onde tentaram erguer as suas tendas e defender-se, mas, sendo vigorosamente atacados de todos os outros lados, foram travados nos seus propósitos e não conseguiram montar senão uma única tenda, a do rei. Os muçulmanos apoderaram-se da grande cruz chamada ‘A Verdadeira Cruz’, que, segundo dizem, contém um pedaço da madeira que, segundo eles, foi utilizada para crucificar o Messias. Esta captura constituiu um golpe muito duro, pois veio confirmar-lhes a morte e o desastre. Cavaleiros e peões caíram em grande número, mortos ou aprisionados, e o Rei só ficou na colina com uns cento e cinquenta cavaleiros, os mais valentes e os mais famosos. Disseram-me que al-Malik al-Afdal, filho de Saladino, tinha contado o seguinte [segue-se a história em que Al Afdal comemora antes do tempo a vitória, sendo duramente repreendido pelo pai, que, ao seu lado, o avisa de que apenas haverá razões para celebrar quando a tenda real cair; quando isso sucedeu, o sultão prostrou-se por terra e agradeceu a Deus, chorando de alegria]. A tenda [prosegue o cronista muçulmano] caíra deste modo: os Francos tinham sofrido terrivelmente de sede no decurso destas cargas com que tinham esperado encontrar uma saída para o cerco, mas em vão. Então, eles tinham descido dos cavalos e tinham-se sentado no chão. Os muçulmanos, trepando a encosta, deitaram a tenda abaixo e capturaram-nos até ao último homem. Entre eles, estava o Rei, o seu irmão [Godofredo de Lusignan] e o príncipe Arnât [Reinaldo de Châtillon], senhor de Kerak e o maior inimigo franco dos Muçulmanos. Capturaram também o senhor de Biblos, o filho de Honfroi, o chefe dos Templários, que era um dos mais altos dignitários entre os Francos, e uma tropa de Templários e de Hospitalários. O número de mortos e de prisioneiros entre eles foi de tal ordem que (...) desde a época do seu primeiro assalto contra o litoral da Síria [em 1098] os Francos nunca tinham sofrido uma tal derrota” (Ibn al-Athir, ed. Gabrieli, pp. 150-151).

Al-Muqaddasi afirma que o monarca de Jerusalém foi capturado por um curdo chamado Dirbas, enquanto Reinaldo de Châtillon foi preso por um servidor do emir Ibrahim al-Mihrani (Kedar, 1992: 206). Saladino mandou chamar à sua tenda o rei Guido e também Reinaldo de Châtillon; foi servida água gelada ao monarca, que morria de sede, mas, quando este quis passar a taça ao príncipe cristão da Transjordânia, o sultão impediu-o, uma vez que havia entre os muçulmanos a tradição de não executar um prisioneiro a quem já tivesse sido dado de beber... Com os seus dois prisioneiros mais relevantes transidos de medo, Saladino repreendeu vivamente Reinaldo, a quem acusou de traição, recordando-lhe os seus crimes contra os peregrinos e lembrando-lhe que fizera voto de o matar, caso se apoderasse dele. Dito isto, o sultão “levantou-se e cortou-lhe a cabeça com a sua própria mão” (Ibn al-Athir, ed. Gabrieli, p. 152)! O rei, no entanto, foi poupado à mesma sorte cruel, o mesmo sucedendo com Gérard

de Ridefort: ambos foram usados por Saladino para conseguir a libertação de algumas praças.

No dia seguinte, a cidadela de Tiberíades rendeu-se, com a condessa Eschiva a receber um salvo-conduto para si, para os seus filhos e para os seus companheiros, posto o que abandonou a praça com os respetivos bens. Saladino regressou ao campo de batalha e ordenou a transferência para Damasco dos prisioneiros mais importantes; a lista incluía também o marquês Guilherme de Montferrat, Humphrey de Toron, o mestre dos Hospitalários, o bispo de Lydda e muitos outros barões, no fundo todos os grandes senhores do reino de Jerusalém exceto o conde Raimundo de Tripoli, Balian de Ibelin e Joscelino de Courtenay (antigo cunhado do rei Amalrico I). Quanto aos Hospitalários e aos Templários, foi-lhes dado a escolher entre converterem-se ao Islão ou serem executados. Quase todos se recusaram a mudar de religião, pelo que o sultão ofereceu 50 dinares a quem tivesse um freire cavaleiro em seu poder e, na manhã do dia 6 de julho, ordenou a respetiva decapitação. Seriam mais de duzentos e Imad al-Din explica que o sultão estava acompanhado de uma multidão de doutores, de sufis, de devotos e de ascetas, todos eles empenhados em ajudar a “purificar a terra destas duas raças impuras” (ed. Gabrieli, p. 165). Já Ibn al-Athir, acrescenta que Saladino mandou executar os membros das Ordens Militares “e não os outros porque eles eram os mais ferozes combatentes de todos os Francos” (ed. Richards, p. 324). No entanto, também os turcopolos parecem ter sido executados no campo de batalha, por serem considerados renegados ou apóstatas (Nicolle, 1995: 77).

Quanto aos cristãos mortos no combate, Ibn al-Athir conta que, cerca de dois anos mais tarde, passou pelo local da batalha e viu “o terreno coberto pelos seus ossos, avistáveis ao longe, alguns deles empilhados, outros espalhados, isto já para não falar daqueles que as torrentes tinham arrastado ou que as bestas selvagens dessas moitas e tocas tinham levado consigo” (Ibn al-Athir, ed. Richards, p. 324).

Como sintetiza, de forma macabra, o próprio Saladino, na carta que escreveu logo no dia 10 de julho ao califa sunita de Bagdade, “foi um dia de graças, em que o lobo e o abutre se acompanharam, ao mesmo tempo que a morte e a captura se sucediam em turnos. Os infieis foram agrilhoados uns aos outros, montando em correntes em vez de vigorosos cavalos” (Carta de Saladino, ed. Melville and Lyons, p. 212). Nesta carta, o sultão fala em mais de 40 000 mortos cristãos, uma cifra inaceitável, se tivermos em conta o efetivo inicial da hoste cruzada e a circunstância de, como admite Nicolle (1995:77), cerca de 3000 cristãos (nomeadamente os da vanguarda do conde de Tripoli e os da retaguarda de Balian de Ibelin) terem conseguido fugir para cidades fortificadas vizinhas. Além disso, alguns cavaleiros e chefes foram resgatados com dinheiro, enquanto muitos peões foram reduzidos à escravatura. Quanto aos mortos muçulmanos, em número indeterminado mas decerto muito inferior, não se sabe bem onde foram sepultados, provavelmente em algum santuário muçulmano das imediações dos Cornos de Hattin. Neste local (mais concretamente no corno sul, onde a tenda vermelha resistira até ao final da refrega), Saladino mandaria erguer um

monumento comemorativo, conhecido como a “Cúpula da Vitória” e a que uma das versões em francês antigo chama uma “mahomerie” no topo da montanha onde o rei Guido fora capturado (Kedar, 1992: 207).

Tal como David Nicolle e Michael Ehrlich concluem, Saladino venceu a batalha de Hattin porque obrigou os seus adversários a combater *onde ele queria, quando ele queria e como ele queria*. A experiência das campanhas anteriores (em especial as de 1182 e 1183), o juízo acertado que fez sobre a personalidade do novo rei de Jerusalém, a disponibilidade para arriscar e um perfeito conhecimento do terreno revelaram-se essenciais para a vitória do sultão aiúbida, agora o líder incontestadíssimo da *Jihad*. As condições climatéricas, as dificuldades no seio da liderança dos Francos e a superioridade numérica muçulmana também foram importantes, mas acabaram por ser fatores suplementares de sucesso.

Há muitos aspetos que desconhecemos ainda sobre a batalha, e provavelmente nunca saberemos toda a verdade. Porém, uma coisa é certa: Saladino mostrou-se um comandante militar muito superior a Guido de Lusignan, superando-o no plano tático e, sobretudo, no plano estratégico: desde muito cedo, a sorte dos Cruzados ficou traçada, em especial a partir do momento em que a hoste latina abandonou a pequena fonte de Turan...

## V. Consequências da batalha

Nas semanas que se seguiram ao seu enorme sucesso nos Cornos de Hattin, Saladino fez os possíveis por cavalgar a onda triunfal e reduzir os Estados Latinos do Oriente a cinzas. Não o conseguiu completamente, mas ficou perto disso. Depois de tomar São João de Acre e muitas outras praças, a 20 de setembro, o sultão atacou Jerusalém, defendida por Balian de Ibelin e pelo patriarca Heráclio; foi um cerco duro (com tiros de trabuco e de outros engenhos, fogo greguês, minas, surtidas desesperadas da guarnição e muitas baixas de ambos os lados), mas a cidade (onde se encontrariam perto de 60 00 pessoas, entre refugiados e habitantes latinos, sírio-jacobitas e cristãos ortodoxos!) acabou por negociar uma rendição pacífica, no dia 2 de outubro de 1187. A esposa do rei Guido, Sibila, e a viúva de Reinaldo de Châtillon, Estefânia, estavam entre os derrotados, mas foram poupadas por Saladino (que assim fez, uma vez mais, jus à sua fama de *gentleman*). A repercussão da conquista da cidade-símbolo das três religiões abraâmicas foi, claro está, enorme, e Imad al-Din dedica-lhe palavras emocionadas: “[a feliz notícia] foi de uma doçura tão entusiasmante que ultrapassava a doçura do açúcar e do mel. As províncias do Islão engalanaram-se com os seus ornamentos festivos para a tomada de Jerusalém, cujos méritos foram precisados e ilustrados, e a todo o homem foi explicitado o dever de ir visitar a cidade” (Imad al-Din, ed. Gabrieli, p. 187).

Saladino pressentia que estava quase a alcançar o seu objetivo final, mas Tiro recusava-se a ceder e havia que desencravar esta espinha da garganta do Islão. A partir de meados de novembro, o próprio sultão tentou um novo assalto em força

à cidade costeira, mas a chegada do inverno e um ataque de surpresa feito durante a madrugada por uma frota cristã à esquadra muçulmana semiadormecida que reforçava o assédio goraram os seus planos e levaram Saladino, no dia 1 de janeiro de 1188, a desmobilizar o exército (com exceção dos seus regimentos pessoais) e a retirar para Acre, ligeiramente a sul.

Na primavera de 1188, Saladino mobilizou de novo a sua hoste e investiu na conquista do litoral, correndo embora o risco de ficar separado, pelas montanhas, das suas principais bases de apoio, que se localizavam nas cidades do interior. Em inícios de maio de 1189, já o sultão reconquistara todo o reino de Jerusalém (excepto Tiro e o castelo vizinho de Beaufort) e todo o principado de Antioquia (salvo a cidade com o mesmo nome e o castelo de Al-Qusair). Porém, o condado de Tripoli permanecia quase intacto, e foi portanto aí que Saladino concentrou a sua atenção.

Tudo parecia correr sobre rodas, mas foi então que, repentinamente, o rei Guido de Lusignan (libertado por Saladino no verão de 1188, contra a promessa de não voltar a combater os muçulmanos) entrou de novo em cena, acompanhado por Gerárd de Ridefort e por um punhado de companheiros: com uma pequena força militar que trouxe de Tiro, cercou a guarnição muçulmana em São João de Acre; Saladino foi obrigado a responder e, pelo seu lado, sitiou as forças de Guido nesta cidade!

Esta evolução deve ter espicaçado os cristãos ocidentais, que tinham ficado em estado de choque com a notícia da queda de Jerusalém. O novo papa, Gregório VIII (o anterior, Urbano III, morrera a 20 de outubro, diz-se que de desgosto) apelara a uma nova Cruzada na Síria-Palestina, mas falecera também, quase octogenário, a uma semana do Natal de 1187... Coubera então a Clemente III empunhar a tocha, e não se pode dizer que a resposta ao seu apelo tenha pecado por defeito: os três maiores líderes seculares do Ocidente (Filipe Augusto, rei de França, Ricardo “Coração de Leão”, rei de Inglaterra, e Frederico I “Barba-Ruiva”, imperador da Alemanha) disseram ‘presente!’ e avançaram para a Terra Santa.

Frederico, desastradamente, acabou por se afogar, em 10 de junho de 1190, na travessia do lago (gelado) de Salé, na região da Arménia ciliciana, enquanto Filipe e Ricardo alcançaram a Terra Santa na primavera de 1191, não sem antes o monarca inglês ter conquistado a estratégica ilha de Chipre aos Bizantinos de Isaac II; a conquista da ilha cipriota, em 6 de maio, garantiu aos Cruzados uma base de operações e uma fonte de reabastecimento preciosas.

Na Terra Santa, Filipe e Ricardo empenharam-se a fundo na conquista de Acre, uma campanha verdadeiramente épica e que, dadas as circunstâncias insólitas que evocámos (Saladino a cercar os cristãos que, pelo seu lado, sitiavam a guarnição muçulmana da praça) se prolongou até 12 de julho de 1191, terminando com a vitória dos Cruzados, depois de imensas baixas de ambos os lados (entre as quais Gérard de Ridefort, o antigo mestre do Templo). Assim, Tiro deixou de ser um enclave e os cristãos começaram, timidamente, a sonhar com a reconstituição dos Estados Latinos do Oriente.

Nessa altura, porém, Filipe Augusto decidiu regressar a França, pelo que Saladino e Ricardo ficaram sozinhos, frente a frente, no terreno. Foi um duelo de titãs, que ainda hoje inspira os historiadores militares e os romancistas. Numa primeira fase, Ricardo preocupou-se em sanar as divergências entre os Francos da Síria-Palestina, reconheceu Henrique de Champagne como rei (sem terra) de Jerusalém e recompensou Guido de Lusignan, entregando-lhe a ilha de Chipre. A 7 de setembro de 1191, a caminho de Jafa, o rei inglês, muito graças ao apoio dos cavaleiros das Ordens Militares, venceu Saladino nas plantações de Arsuf, durante uma célebre ‘marcha-batalha’.

Porém, os êxitos de Ricardo revelaram-se sempre limitados; conseguiu retomar para os cristãos quase todo o litoral, mas foi obrigado a renunciar ao seu objetivo principal: a reconquista de Jerusalém. A 2 de setembro de 1192, esgotados física, psicológica e financeiramente, Ricardo e Saladino assinaram a Paz de Jafa, que previa uma trégua por três anos. Uma solução compreensível, tendo em conta a reduzida capacidade de manobra dos Francos estabelecidos no Médio Oriente, mas ainda assim um acordo que, por ter sido firmado com os infieis e logo na pessoa do líder supremo da *Jihad*, não deixou de causar algum estupor e indignação no Ocidente (Monteiro, 2006: 176-177).

A 9 de outubro, Ricardo iniciou a sua atribulada viagem de regresso à Europa e, menos de um mês depois, Saladino regressou a Damasco. O sultão aiúbida não disporia de muito mais tempo para saborear os seus sucessos, pois faleceu na grande cidade síria, onde fora educado, em inícios de março de 1193. Contava 55 anos de idade e depressa se tornou uma lenda, tanto no mundo muçulmano como no mundo ocidental. A sua capacidade para ultrapassar o tradicional divisionismo interno muçulmano e a utilização da Guerra Santa como fonte de legitimação da sua autoridade foram os principais segredos do seu triunfo, ainda que Saladino tenha feito muitos inimigos de fé islâmica, que nunca lhe perdoaram a sua ambição e a guerra contra os herdeiros de Nur al-Din.

A obra unificadora do vencedor de Hattin desmoronou-se parcialmente após a sua morte, e isso alimentou novas veleidades por parte do mundo ocidental, que organizaria ainda mais quatro Cruzadas na Terra Santa (entre 1203 e 1270), incluindo a escandalosa Cruzada que, em 1204, assaltou Constantinopla, a maior cidade cristã do mundo. Apesar de alguns sucessos pontuais interessantes, nunca mais os ‘Francos’ conseguiram reconstituir os Estados Latinos do Oriente nascidos entre 1098 e 1102. Em grande medida, este fracasso ficou a dever-se ao sucesso alcançado pelo sultão aiúbida nos vulcânicos Cornos de Hattin, no dia 4 de julho de 1187.

## Fontes mais importantes

Abd Allah b. Ahmad al-Muqaddasi, in *Recueil des Historiens des Croisades, Historiens Orientaux*, 4:286-287 (cf. Abu Shama, *Kitab al-rawdatayn*).

Baha al-Din Ibn Shaddad, *The Rare and Excellent History of Saladin*, trad. D. S. Richards, Aldershot, Ashgate, 2002.

*Chronique Anonyme de la Première Croisade*. Trad. francesa, de Aude Matignon. Paris, Arléa, 1998.

*Chroniques arabes des croisades*, textes recueillis et présentés par Francesco Gabrieli, traduits de l'italien par Vivian Pâques. Sindbad, Actes Sud, 1996.

C. P. Melville and M. C. Lyons, "Saladin's Hatin Letter", in B. Z. Kedar, *The Horns of Hattin*, Londres, Variorum, 1992 (pp. 208-212).

Foucher de Chartres, *A 1.ª Cruzada. Um relato de quem lá esteve*. Trad. port., Lisboa, Inquérito, 2001.

Guillaume de Tyr, *Historia rerum in partibus transmarinis gestarum*, in *Recueil des Historiens des Croisades, Historiens Occidentaux*, t. I, vols. 1 e 2, 1844, trad. francesa, conhecida como « Estoire d'Éraclès ». Existe também uma tradução inglesa (de E. A. Babcock e A. C. Krey): *A History of Deeds Done Beyond the Sea*, Columbia University Press, 1943.

*Libellus de Expugnatione Terrae Sanctae*, ed. J. Stevenson, Rolls Series 66. Londres, 1875.

*The Chronicle of Ibn al-Athir for the Crusading Period, Part 2, The Years 541-589/1146-1193. The Age of Nur al-Din and Saladin*. Translated by D. S. Richards. Ashgate, Crusade Texts in Translation, 2007.

*The Chronicle of the Third Crusade. A translation of The Itinerarium Peregrinorum et Gesta Regis Ricardi*, by Helen J. Nicholson. Ashgate, Crusade Texts in Translation, 1997.

*The Rule of the Templars. The French Text of the Rule of the Order of the Knights Templar*, translated and introduced by J. M. Upton-Ward; with an Appendix by Matthew Bennett. Woodbridge, The Boydell Press, 1992.

## Leituras principais

Benjamin Kedar, "The Battle of Hattin revisited", in B. Z. Kedar (ed.), *The Horns of Hattin*. Londres, Variorum, 1992 (pp. 190-207).

David Nicolle, *Hattin 1187. La Mayor Victoria de Saladino*. Trad. esp., Ediciones del Prado, 1995 (ed. orig.: Osprey, 1993).

David Nicolle, *Saladin. Leadership, Strategy, Conflict*. Osprey Publishing, 2011 (illustrated by Peter Dennis).

Michael Ehrlich, “The Battle of Hattin: A Chronicle of a Defeat Foretold?”, in *Journal of Medieval Military History*, ed. by C. Rogers, K. DeVries and J. France, vol. V, The Boydell Press, 2007 (pp. 16-32).

Peter Herde, “Die Kämpfe bei der Hörner von Hittin und der Untergang des Kreuzritterheeres (3. und 4. Juli 1187)”, in *Römische Quartalschrift für christliche Altertumskunde und Kirchengeschichte*, n.º 61, 1966 (pp. 1-50).

### Leituras complementares

AAVV, *As Cruzadas (1096-1270)*. Trad. port., Editorial Pergaminho, 2001.

Alain Demurger, *A Grande Aventura dos Templários. Da origem ao fim*. Trad. port., Lisboa, Esfera dos Livros, 2006.

Christopher Marshall, *Warfare in the Latin East, 1192-1291*. Cambridge University Press, 1992.

Claude Gauvard, *As Cruzadas*. Trad. port., Porto, Asa, 1994.

Hugh Kennedy. *Crusader Castles*. Cambridge University Press, 2001 (ed. orig: 1994).

João Gouveia Monteiro, *Lições de História da Idade Média, sécs. XI-XV*. Coimbra, Faculdade de Letras, 2006.

João Gouveia Monteiro, “As Ordens Militares e os modelos táticos de combate de um e do outro lado do Mediterrâneo”, in J. G. Monteiro, *Entre Romanos, Cruzados e Ordens Militares. Ensaios de História Militar Antiga e Medieval*. Coimbra, Salamandra, 2010 (pp. 255-301).

João Gouveia Monteiro, “A Regra do Templo ou o Esplendor da Arte Militar Medieval”, in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 11, Coimbra, 2011 (pp. 9-38).

John D. Hackett, *Saladin's Campaign of 1188 in Northern Syria*. MS.B Litt. thesis, University of Oxford, 1937.

John France, *Victory in the East. A Military History of the First Crusade*. Cambridge University Press, 1996.

Jonathan Riley-Smith, *Atlas des Croisades*. Paris, Éditions Autrement, 1996.

Joshua Prawer, “La bataille de Hattîn”, in *Israel Exploration Journal*, n.º 14, 1964.

Malcolm C. Lyons and D. E. P. Jackson, *Saladin: The Politics of the Holy War*. Cambridge, 1982.

Michel Balard, *Les Croisades*. Paris, ME Editions, 1988.

P. W. Edbury, “The Battle of Hattin (4 July 1187) and its aftermath”, in *The Conquest of Jerusalem and the Third Crusade: Sources in Translation*. Aldershot, 1998 (pp.158-163).

Peter Edbury, “Warfare in the Latin East”, in Maurice Keen (ed.), *Medieval*

*Warfare. A History*, Oxford University Press, 1999 (pp 89-112).

Pierre-Vincent Claverie, «Fontaine du Cresson, bataille de La», in *Prier et Combattre. Dictionnaire européen des ordres militaires au Moyen Âge*, dir. de Nicole Bériou et Philippe Josserand, Librairie Arthème Fayard, 2009 (p. 363).

R. C. Smail, *Crusading Warfare, 1097-1193*. Second edition with a new Bibliographical introduction by Ch. Marshall. Cambridge University Press, 1995.